

# A perfeita toquiota

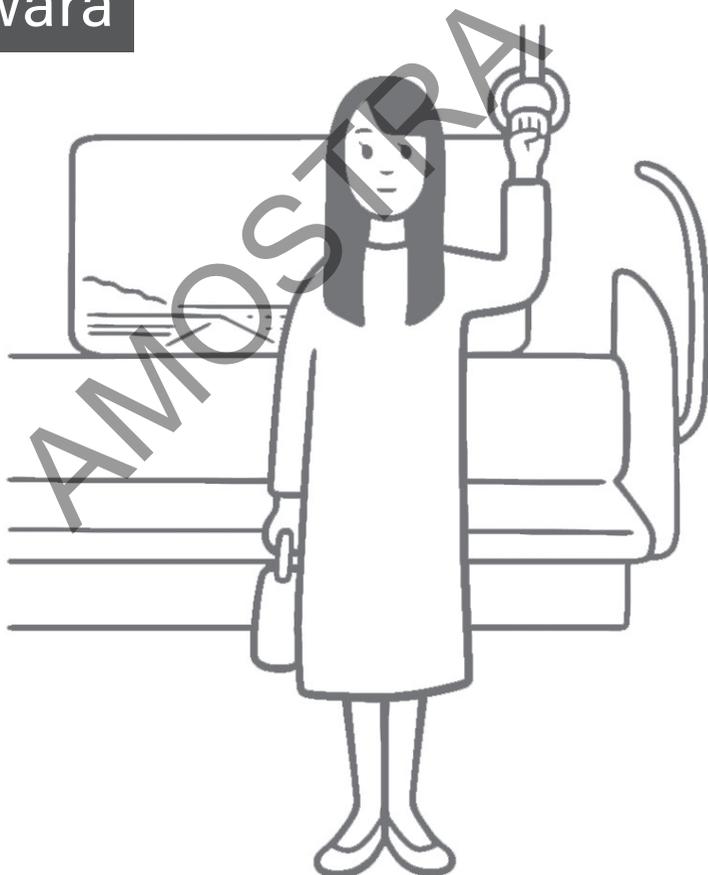
June

Fujiwara

AMOSTRA

# A perfeita toquiota

June  
Fujiwara



**TORDESILHAS**

Rio de Janeiro, 2025

Para Mari, de quem sinto saudades  
sempre que retorno a Tóquio,  
ou seja, muitas vezes.

AMOSTRA





# SUMÁRIO

	11
	19
	25
	33
	41
	49
	57
	63
	69
	75
	81
	89
	95
	101
	107
	113
	119
	127
	133
	141
	149
	155

- O PONTO ZERO
- BANHO DE MULTIDÃO
- *JINGLES* DAS ESTAÇÕES
- DESCENDO AO SUBSOLO
- GAROTA DO ELEVADOR
- O SANTUÁRIO DO BAIRRO
- NOITE À MARGEM
- O BECO DOS GATOS
- TEMPLO DA BELEZA
- A MÁQUINA DE DESEJOS
- ALMOÇO RELÂMPAGO
- A VAN AMBULANTE
- REBOOT EXPRESSO
- JANTAR DOS INICIADOS
- *MORNING SET*
- MEIAS VERMELHAS
- A FILA DE ESPERA
- TÁXI DA SORTE
- NOITE DAS GAROTAS
- BANHO MATINAL
- JARDIM SUSPENSO
- AGRADECIMENTOS



# O PONTO ZERO



# Capítulo 1

**A**qui, tudo chama atenção. As portas dos táxis se abrem automaticamente. O chão é tão limpo que chega a brilhar. Os letreiros publicitários em neon se sobrepõem desordenadamente. As máquinas automáticas oferecem bebidas geladas ou sopas quentes a qualquer hora. Tudo parece desafiar os hábitos, os reflexos e o senso comum. Ir contra a lei da gravidade e a noção de tempo. Estamos no mesmo planeta, e ainda assim. Estamos em outro lugar. Estamos em Tóquio.

Toda vez que desembarco do avião – geralmente no final do dia – para respirar o ar tão esperado de Tóquio, ainda sou um pouco, ou, muito, parisiense. Incapaz de permanecer em um quarto de hotel, saio para passear, sem nem mesmo desfazer minha mala, não importa o bairro em que eu esteja. Gosto de caminhar sem um objetivo definido, flamar ao sabor do acaso. Ainda que eu esteja morrendo de vontade de me enfiar debaixo do edredom aconchegante do hotel para embarcar num sono reparador, sempre me permito alguns minutos desse ritual.

Cada detalhe me encanta. Os pedestres que respeitam cerimoniosamente o sinal vermelho mesmo quando não há carro à vista. A elegante mulher que suga barulhentemente seu macarrão, sozinha, no balcão da loja de *ramen*. O trabalhador, com uma mochila presa na barriga, que cambaleia na rua. O garoto com cabelo descolorido e maquiagem gótica comendo um picolé. Não consigo deixar de observar meus compatriotas. É grande a tentação de desvendar seus mistérios. O que estão fazendo? Por que aqui? Por que agora? Tento capturar o seu olhar e desvendar o que escondem por trás do rosto plácido.



Sou tragada pelo primeiro *konbini* (loja de conveniência) que aparece em meu caminho. Cresci com essas *convenience stores* abertas vinte e quatro horas por dia. Encontramos nelas absolutamente tudo de que precisamos, dia e noite. Meias supermercados, miniventiladores portáteis, meias-calças que nunca rasgam, adaptadores, revistas de celebridades. Meus lanches favoritos estão lá: *dango mochi* (doce tradicional de farinha de arroz) cobertos com *anko* (pasta doce de feijão-vermelho), macarrão instantâneo sabor *curry*, *surume* (tiras de lula seca) para beliscar com uma cerveja gelada. Sou uma fã absoluta das refeições quentes disponíveis no serviço de buffet ao lado do caixa: *nikuman* (pãezinhos recheados com carne), *karaage* (frango frito) ou *oden* (cozido japonês).

Minha alegria de reencontrá-los em Tóquio é tão intensa que não consigo deixar de caminhar de um lado para o outro pelos corredores, de me agachar para examinar cada prateleira. Fico maravilhada com as novidades cada vez mais numerosas; tiro fotos delas. Compro os produtos de necessidade básica – uma escova de dentes antibacteriana de cerdas ultrafinas, pasta de dente líquida com efeito branqueador e chiclete dental com xilitol – que não coloquei na minha mala, pois sei que posso encontrar tudo isso ao chegar aqui, em Tóquio. Dou de cara com uma espuma de limpeza da minha infância que “deixa a pele tão transparente quanto um floco de neve” e esvazio a prateleira.

No caixa, um funcionário passa cerimoniosamente cada produto no leitor. Ele é estrangeiro, talvez do Sudeste Asiático. Em outras cidades, como Paris, Nova York ou Londres, isso seria algo absolutamente banal. Quando eu morava em Tóquio, há vinte anos, era inimaginável encontrar funcionários não japoneses em um *konbini*. O Japão é uma ilha fechada à imigração. Menos de 2% da força de trabalho é composta por imigrantes e foi somente a partir da última década que esse número aumentou, ainda que timidamente. Com falta de mão de obra e forçadas pela ne-



cessidade, os *konbinis* começaram a contratar estudantes estrangeiros, que receberam permissão para trabalhar até vinte e oito horas por semana. O funcionário à minha frente é extremamente cortês. Se tem 20 anos, é muito. Ele me inspira simpatia, com sua eficiência impecável e seus gestos respeitosos. Seu japonês é impecável. Tento encontrar uma brecha para iniciar uma conversa. Tenho vontade de dizer que sinto uma simpatia por ele, que o acho corajoso. Tento fisgar seu olhar, mas em vão.

De repente, me dou conta de que ele é mais “toquiota” do que eu. Percebo, principalmente, que eu ainda estou presa na minha carapaça parisiense. Se, em Paris, olhar alguém nos olhos para estabelecer um contato é mais do que normal, em Tóquio, não. Aqui evitamos encarar as pessoas. Fugimos do olhar. Os habitantes de Tóquio têm a reputação de serem “frios” na visão dos provincianos, ou mesmo “incompreensíveis” na visão dos estrangeiros. Para os primeiros, isso seria um sinal de indiferença, para os últimos, um ato de desprezo. Obviamente, nada disso é verdade. Esse olhar fugidio é um sinal de respeito, uma etiqueta social cultivada pelos habitantes da cidade por mais de quatro séculos, muito antes da expressão contemporânea “distanciamento social”.

Tokugawa Ieyasu, o senhor que unificou o país após décadas de guerras regionais, chegou ao poder em 1603, quando recebeu o título de *xogum* (comandante-chefe das forças armadas, o de fato líder político do país). Ele escolheu instalar sua capital em Edo (antigo nome de Tóquio), longe de Kyoto (a capital histórica e local de residência do imperador). Edo experienciou um rápido processo de desenvolvimento: no século XVIII, Edo já abrigava mais de um milhão de habitantes, sendo uma das cidades mais populosas do mundo.

O *xogum* obrigava os *daimyos* (senhores regionais) a residirem na nova capital em anos alternados, e, sobretudo, a deixarem ali suas esposas e seus herdeiros quando voltavam para seus feudos,

como garantia de retorno. Esse sistema de *sankinkōtai* (residência alternada) fez com que trabalhadores do país viessem atender às necessidades dos *daimyos* e daqueles que os acompanhavam – e entretê-los também, uma vez que a época de guerra tinha passado e eles estavam entediados. Edo se tornou imediatamente uma cidade “cosmopolita”, onde se misturavam pessoas de diversas origens, culturas e castas. Os *edokko* (como os habitantes de Tóquio eram chamados antigamente) aprenderam rapidamente a não se intrometerem em assuntos alheios.

Esse traço ainda faz parte dos habitantes de Tóquio: cada um cuida do próprio nariz. A curiosidade é velada, a intimidade do outro é respeitada. Acima de tudo, não se impõe a própria intimidade a ninguém. É a atitude “*super dry*” – uma expressão imortalizada pela cerveja japonesa Asahi. Com seu sabor seco e refrescante, ela se autoproclama, com orgulho: “a bebida ideal para acompanhar todos os tipos de pratos”. O comportamento “*super dry*” permite aos habitantes de Tóquio coexistirem em harmonia com “todo tipo de gente” desde a criação da cidade de Edo.

Deixo o *kobini* para trás. Tóquio é uma cidade que só revela sua verdadeira face quando a noite cai. As ruas ganham vida e são inundadas por neons multicoloridos. Algumas pessoas solitárias com o passo apressado cruzam com um grupo de jovens de sobretudos longos e máscaras negras. À medida que meus olhos se acostumam com a luz por vezes ofuscante da Tóquio noturna, meu olhar se esvazia. Não busco mais olhar fixamente o vovô do rock vestido de couro sintético rosa. Não encaro mais os trabalhadores amontoados em um pequeno espaço para fumantes instalado no meio da rua. Não busco mais entender as coisas, coloco meu senso crítico no “modo avião”.

A toquiota em mim desperta. Reconheço o cheiro dos *yakitoris* (espetinhos de frango) grelhados no carvão. Diferencio entre os sons da cidade algumas notas familiares: a faixa de pedestres



que anuncia a mudança de sinal para as pessoas com deficiência visual. Do alto de seus saltos, meninas correm em fila para atravessar a rua a tempo. Reencontro a alegre bagunça dos postes elétricos. Essa visão, que antes eu achava tão feia, agora me comove.

Finalmente, volto ao hotel para tomar um banho quente e dar o primeiro gole na Asahi Super Dry. Seu slogan guarda um segredo: a Super Dry não se adapta apenas a todos os tipos de pratos, mas também a todos os tipos de estados de espírito. Ela tem o poder de neutralizar o paladar. É o sabor do ponto zero, onde tudo pode acontecer, um espaço vazio que oferece possibilidades infinitas. Geralmente, bastam alguns goles para me reinicializar da cabeça aos pés.

Assim começa minha estadia em Tóquio.

AMOSTRA

